

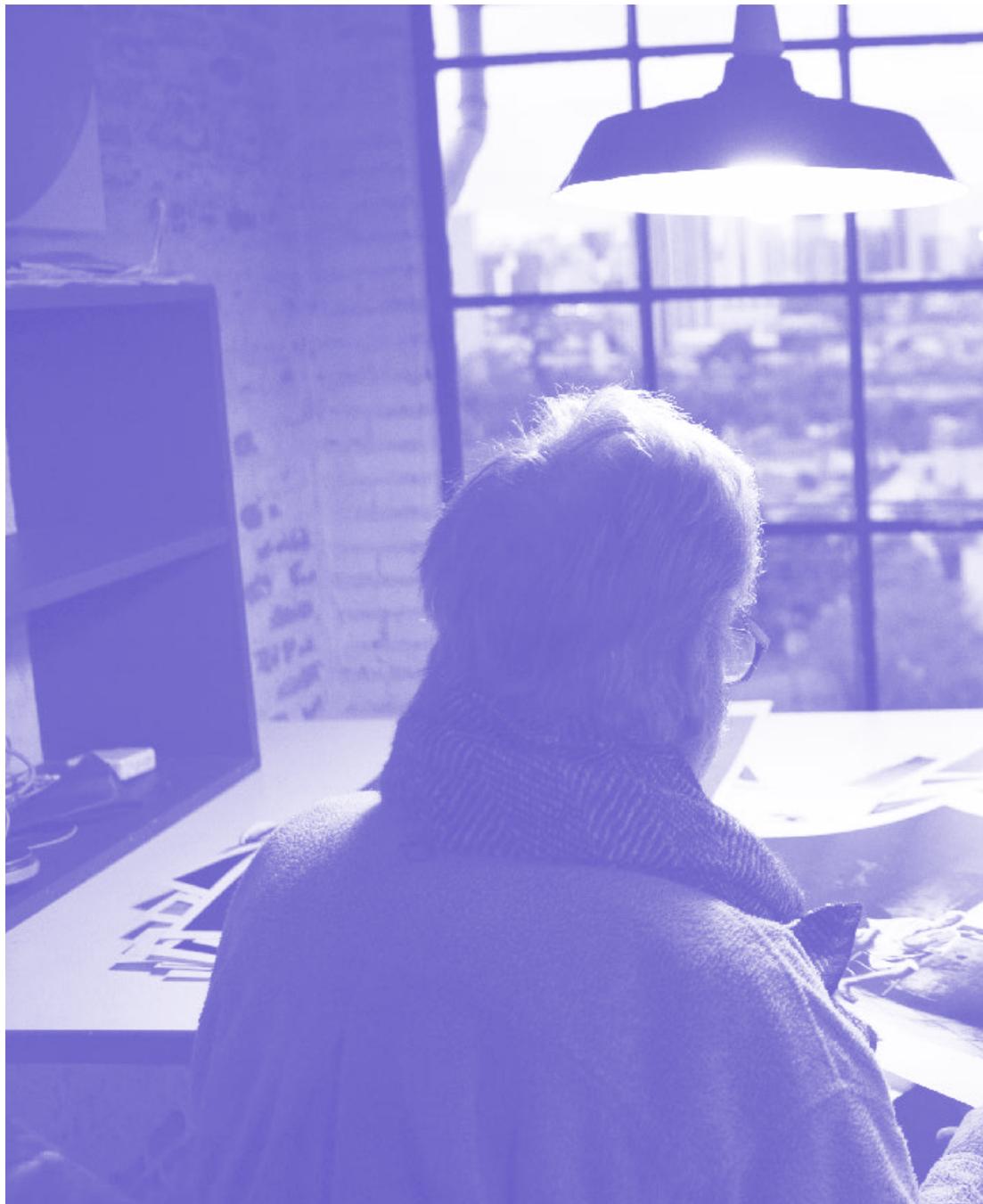


*Artigo  
da capa*

## Saber, aos poucos, se tornar “sem idade”

“Não, o tempo não cura todas as feridas;  
é ele a própria ferida” (Nietzsche)

[Artigo 1, páginas de 8 a 21]





### **Ciro Marcondes Filho**

*Doutor pela Universidade de Frankfurt, pós-doutor pela Universidade de Grenoble (França), titular da Cátedra UNESCO José Reis de Divulgação Científica, professor titular da ECA-USP desde 1987. Responsável pela coleção Filosofia da Comunicação. Colunista da revista Caros Amigos. É atualmente comentarista da Rádio USP no programa Ciência Feliz.*



**RESUMO**

O que é o envelhecer? O que nos identifica como velhos? O passar do tempo, a idade como categoria social inventada em oposição à natureza que percorre o processo da vida. O que nos trouxe a marcação do tempo? A forma como homens e mulheres temem a velhice, a dificuldade de aceitar a degeneração física que contraria nossa imagem idealizada são elementos de nossa cultura, que merecem reflexão nos variados espaços e formas de expressões artísticas: cinema, literatura, poesia.

**Palavras-chave:** envelhecimento; velhice – categoria social, velhice e arte

**ABSTRACT**

*What defines the process of aging? What identifies us as old people? The passing of time; age as an invented social category, as opposed to the nature that runs throughout our lives. What has made us measure time? The way men and women fear senescence and the difficulty in accepting the physical degeneration that frustrates one's idealized image are elements of our culture that are worth to be considered in the varied spaces and forms of artistic expression: cinema, literature, poetry*

**Keywords:** Aging; old age as a social category; old age and art.

## INTRODUÇÃO

Se há uma coisa com a qual nós nunca vamos nos dar bem, essa coisa é o tempo. O tempo representa o grande enigma do ser humano. Animais não se incomodam com o tempo, tampouco os vegetais. Mas os seres humanos padecem sob ele, sofrem desmesuradamente ao sentirem sua presença sutil.

Há um tempo diferente do tempo de nossos relógios – o *cronos* dos gregos – mesmo distinto do tempo da eternidade – o *eon* – ou mesmo do instante oportuno – chamado de *kairós*. É um outro tempo, “tempo em estado puro”, como o denominava o escritor francês Marcel Proust<sup>1</sup>. Um tempo que não se mostra, mas que se faz presente no corpo do outro. E no nosso corpo. Na transformação do outro temos a nítida consciência de nossa própria degeneração.

Os anos são uma categoria social, inventada, criada pelo homem para marcar, mesmo que arbitrariamente, a diferença dos tempos em que vive. Para a natureza, não há dias da semana, meses do ano, décadas ou séculos. Há apenas o eterno processo da vida: nascer, crescer, multiplicar-se e morrer.

Sob esse ritmo vivem os animais, os vegetais, as obras humanas criadas pela civilização. Mas, com a marcação do tempo, veio a angústia da morte, o desespero diante do inevitável, o pânico de saber que um dia se irá desaparecer para sempre, sem deixar qualquer vestígio.

Essa nossa angústia, a qual nos torna seres diferentes e mais sofredores que os demais seres vivos, marca o dilema da vida. Viver é começar a morrer. Não há como ser diferente. O drama da espécie é a consciência, é saber disso, é ter a noção do porvir, é a dureza de ter em mente que um dia se irá desaparecer.

Jamais saberemos o que veio antes de nós, de nossas sociedades, de nosso sistema planetário; jamais saberemos o que virá depois, se é que virá alguma coisa. A grande angústia existencial, já levantada por Pascal<sup>2</sup>, é essa nossa insignificância diante de leis insondáveis do universo.

## DE REPENTE NOS DAMOS CONTA QUE ENVELHECEMOS...

Dizia Mário Quintana<sup>3</sup>, em *Imagem perdida*, que com o passar dos anos temos apenas um “valor estimativo”, como taça quebrada, folha seca, só vivendo nos olhos que nos querem e que um dia vão se extinguir... Foram-se os olhos das amadas, seus lábios já não pronunciam seu nome, assim como se foi o abraço amigo e caloroso...

**1** Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922). Considerado um dos pais do romance moderno. Conhecedor do pensamento de Henri Bergson, a cujos cursos assistiu, Proust é autor da obra *Em Busca do Tempo Perdido* (publicada entre 1913 e 1927).

**2** Blaise Pascal (1623-1662) filósofo, matemático e físico francês. Dentre suas principais obras estão: *Pensamentos*, editora Martins Fontes, 2005; *Ensaio*, editora Penguin Companhia, 2010.

**3** Mario Quintana (1906-1994) escritor, poeta, tradutor, jornalista gaúcho.

**4** Alain Finkielkraut, filósofo francês, autor da obra *A derrota do pensamento*; tradução Mônica Campos de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

**5** Cecília Meireles (1901-1964) escritora e jornalista carioca. Seu poema *Retrato* integra a obra *Viagem*. São Paulo: Global, 2012.

Nosso rosto é nosso primeiro carrasco. É a denúncia indisfarçável de que os anos se apossaram de nós e cavaram em nossa pele, límpida e macia as rugas, as manchas, a decrepitude da pele. O tempo em estado puro nos atravessando.

Alain Finkielkraut<sup>4</sup> sublinha que “uma imperceptível debilitação faz desaparecer pouco a pouco a plenitude ou a graça das fisionomias mais juvenis”. De fato, são as rugas que, estragando a beleza do rosto, o denunciam. E nos fazem nos surpreendermos diante do espelho.

A face que nos olha não nos é mais familiar. Algo mudou. “Quem é esse que me olha e é tão mais velho do que eu?” – pergunta-se Quintana, em *Velho no espelho*. É meu pai, responde ele, inconformado: “Como pude ficar assim?” Meu pai me invadiu lentamente, ruga a ruga.

No espelho, nas fotografias, nos vídeos em que aparecemos, há o testemunho implacável de nosso declínio físico, da irreversível mudança de nossa figura, da decadência do corpo. A revelação indesejada da proximidade do fim. “Eu não tinha essas mãos sem força, tão paradas, frias e mortas”, escreve Cecília Meireles<sup>5</sup>, em *Retrato*. “Eu não dei por esta mudança, / tão simples, tão certa, tão fácil / Em que espelho ficou perdida minha face?”

De fato, a constatação da falência de nosso corpo, o enfraquecimento dos músculos, a perda de elasticidade, a rigidez que esmorece, as traições da memória, a deterioração da visão, da audição nos põem diante de uma realidade contra a qual lutamos, empenhando-nos em esforços e trabalhos que já não conseguimos realizar, travando uma luta desigual contra o avanço da precariedade.

E o mais cruel de todos é o distanciamento do outro, o já-não-sermos-mais-desejados, a perda do direito ao afeto físico, ao toque, ao prazer carnal, à maior excitação da vida.

### A DEFASAGEM ENTRE CORPO E MENTE

A idade representa o registro de nosso tempo no mundo. Ela consiste num signo externo da transformação física pela qual passamos. Contudo, as alterações de nossa aparência estão em frontal conflito com nossa mente, que não sente, por si mesma, o envelhecimento. Somos contaminados por uma sensação interior de permanecermos sempre os mesmos.

Daí o sentimento paradoxal e o choque diante de nossa própria imagem. Apesar dos anos, sentimo-nos como sempre fomos; como se não tivéssemos mudado; e nos iludimos em pensar que o outro nos sinta da mesma maneira. Nossa mente não aceita a degeneração física, pois está em desacordo com nossa imagem idealizada.

O filósofo francês Henri Bergson<sup>6</sup> sublinhava que a separação das fases da vida constitui algo totalmente artificial. As pessoas veem uma criança, um adolescente, um adulto, um homem maduro e um homem de idade avançada e imaginam rupturas marcando a passagem de uma fase para a outra.

Em verdade, diz ele, não há esses momentos de virada, somos um contínuo que portamos, em nós mesmos, nosso próprio momento futuro e as marcas das fases anteriores, tudo sem interrupção. Não passamos a ser velhos de uma hora para outra: nosso corpo, que vivencia esse processo, como os de uma fruta que colhemos verde, vai sofrendo a ação do tempo e se tornando amarela até chegar ao momento escuro e enrugado de seu apodrecimento. O tempo a atravessa.

Observando as mãos do pai, Quintana repara nas veias azuis que lidaram, acariciaram e, quando repousadas nos braços da cadeira, parecem emitir uma luz. A vida emana delas, diz o poeta em *As mãos de meu pai*, ela transcende a própria vida e os anjos um dia chamarão de alma.

O rosto, as mãos, a energia que vem de dentro constituem nossa presença, nossa figura, essa *anima* que nenhuma ciência conseguiu descrever. Talvez o único pensador que se incomodou com a dimensão extrafísica do rosto tenha sido Emmanuel Levinas<sup>7</sup>. Segundo o autor, o rosto não representa apenas um rosto. Seja o de uma mulher abatida, o de uma criança pobre, o de um soldado derrotado, o de um velho, não importa, o rosto torna-se o canal que nos liga à humanidade toda.

É o olhar do outro, seu rosto, que está na base do mandamento bíblico “Não matarás!” Porque, além do próprio olhar, de seu poder de revelação de uma interioridade escondida dessa pessoa, ele leva mais além, veículo direto para toda a espécie humana, nos convocando, enfim, a adotar uma postura ética diante de outro ser humano.

**6** Henri Bergson (1859-1941) professor, filósofo e diplomata. Dentre suas obras destacam-se: *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2011; *Memória e matéria: ensaio da relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

**7** Emanuel Lévinas (1906-1995), filósofo francês, nascido na Lituânia, autor, dentre outras, das seguintes obras: *Entre Nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997; *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. Lisboa: Edições 70, 1988; *Humanismo do outro homem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.



## O narcisismo tornou-se *ethos* dominante nos últimos 150 anos. Com a fotografia, as pessoas começaram a se preocupar mais com a imagem que era registrada em placas fotográficas.

8 René Descartes (1596-1650), filósofo, matemático e físico francês.

René Descartes<sup>8</sup>, o sabemos, expurgou, por meio do princípio da razão, a alma humana do campo dos interesses cognitivos. Seu racionalismo dividiu o corpo da mente, excluindo aquilo que exatamente dava vida ao corpo, e que os gregos denominavam *psyché*, a alma.

Esse desvio cientificista levou a que as ciências se ocupassem menos com aquilo que não era palpável, mensurável, aproveitável e tendessem ao meramente útil, deixando as questões éticas e os compromissos sociais fora campo do saber. O que é renegado no processo de envelhecimento consiste exatamente nessa energia – *anima* ou *psyché* – nessa força que sobrevive apesar da decadência do corpo.

A cultura contemporânea, centrada no investimento no corpo e na aparência, relega essa dimensão de nossa existência a um plano insignificante. Por isso, talvez, o tratamento desigual de jovens e velhos, visto que estes são vistos apenas como *hardware* obsoleto, máquina que se tornou inútil e sem interesse para o outro.

### ENVELHECIMENTO E NARCISISMO

O narcisismo tornou-se *ethos* dominante nos últimos 150 anos. Com a fotografia, as pessoas começaram a se preocupar mais com a imagem que era registrada em placas fotográficas. Cem anos atrás as máquinas já eram bastante populares e as pessoas poderiam adquiri-las e se divertir com a maravilha de reter e guardar cenas, imagens, rostos de pessoas comuns.

Guardar imagens. Deter o tempo nas fotos. Cristalizar pessoas e cenas. Nada de mais fascinante para a época. O cinema, em vista dos custos elevados, não dispunha da mesma popularidade, se bem que as imagens refletidas nas telas funcionassem como novos modelos de beleza, sedução e imitação por parte das plateias.

A cultura de massas que surge daí passará a fabricar estilos de vida, de comportamento, de exibição pública que se tornarão exemplares para nações inteiras. Inicia-se o culto industrial das aparências. Ros-

tos belos e jovens assumem a dianteira dos painéis, das telas, dos cartazes e do imaginário de homens e mulheres.

O pesquisador norte-americano Christopher Lasch dedica-se ao estudo da importância das aparências nas sociedades contemporâneas. Em seu livro, *A cultura do narcisismo*, o autor defende que a velhice não constitui uma categoria biológica mas social: “O moderno problema da velhice, sob este ponto de vista, tem origem menos no declínio físico, do que na intolerância da sociedade para com os idosos, em sua recusa de fazer uso de sua sabedoria acumulada e em sua tentativa de relegá-los à margem da existência social”.<sup>9</sup>

O próprio termo “idoso” já está carregado de conotações negativas. Alguém muito carregado de idade, eufemismo para não os chamarem de velhos, cujo tempo já passou, conceito esse, contudo, que se alterou historicamente, visto que séculos atrás ter 50 anos já era uma “idade avançada”.

Mas essa mudança, ou esse “ganho de vida”, não alterou os preconceitos. Os espanhóis falam de *mayores*, talvez com conotações menos negativas. De toda maneira, qualquer associação a “muita idade”, muita vivência, remete a uma existência que incomoda, que cisma em permanecer. Melhor de tudo, mais justo, mais digno, mais honesto, como no filme *Youth* (Sorrentino<sup>10</sup>, 2015), mostra-se dizer que são “sem idade”.

O velho é o espelho do futuro que preferimos não ver, pois ele será nosso amanhã; e a sociedade narcisista não quer saber nem do passado nem do futuro; reduz a existência ao desfrute imediato, ao consumo predatório, ao prazer do momento.

De alguma maneira, a concepção antiga do Paraíso, como momento enfim do desfrute da vida, reservado para a existência após a morte, transferiu-se, na sociedade de consumo, para a existência terrena, funcionando como compensação ao princípio de realidade, cruel e opressor.

<sup>9</sup> LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

<sup>10</sup> *Juventude (Youth)*. Direção: Paolo Sorrentino. Elenco: Michael Caine, Harvey Keitel, Rachel Weisz. Itália, França, Suíça, Reino Unido, 2015.



**O próprio termo “idoso” já está carregado de conotações negativas. Alguém muito carregado de idade, eufemismo para não os chamarem de velhos, cujo tempo já passou, conceito esse, contudo, que se alterou historicamente, visto que séculos atrás ter 50 anos já era uma “idade avançada”.**

Por isso, homens e mulheres começam a temer a velhice antes mesmo de chegar à meia-idade. Os norte-americanos experimentam o quadrágésimo aniversário como o início do fim. Para eles, o terror irracional da velhice e da morte está intimamente associado à emergência da personalidade narcisista em nossas sociedades, salienta Lasch.

O narcisista dispõe de poucos recursos interiores: olha os outros para validar a si mesmo, precisa ser admirado por sua beleza, encanto, celebridade, coisas que decaem com o tempo. Por isso, a presença do fantasma materializado no corpo do homem ou da mulher cuja juventude está longínqua incomoda. Imagem negativa do próprio devir.

Consoante Lasch, a personalidade narcisista reflete uma mudança drástica em seu sentido de tempo histórico, uma sociedade que teria perdido o interesse pelo futuro. Mas, talvez, não apenas pelo futuro, como exposto acima na concepção de paraíso-aqui-mesmo, mas na negação igualmente efetiva do passado e de seus portadores, daqueles que acumularam experiência, saber e memória.

Nos tempos da rapidez eletrônica, do apagamento simples de imagens e textos, da varredura contínua de nossos arquivos e da imaterialidade de nossas obras, tudo que tem a ver com o passado dissolve-se no ar.

O culto do eu hoje está mais radicalizado por força dessas conexões eletrônicas. Elas substituem o estar junto social por um paradoxal estar junto estando longe, em outro lugar, mesmo que “de corpo presente”. Os *gadgets* eletrônicos invadiram o espaço que ainda sobrava da socialidade urbana, as mesas de cafés e restaurantes, os encontros casuais, os espaços de fala e conversa, introduzindo aí uma espécie de *take off*, de decolagem da cena, perigosamente incômoda de olhar o outro, senti-lo, tocá-lo, “entrar no clima”. Decolamos o tempo todo.

A sociedade estigmatiza os velhos e os exclui porque não vê neles os modelos narcísicos para sua frágil identidade, hoje ainda mais debilita-



**A personalidade narcisista reflete uma mudança drástica em seu sentido de tempo histórico, uma sociedade que teria perdido o interesse pelo futuro. Mas, talvez, não apenas pelo futuro, como exposto acima na concepção de paraíso-aqui-mesmo, mas na negação igualmente efetiva do passado e de seus portadores, daqueles que acumularam experiência, saber e memória.**

da por estar apoiada em suportes digitais tão tênues. Assim como pres-tígios e nomes podem, de uma hora para outra, desaparecer por força da viralização eletrônica; assim como os 15 minutos de glória vão se li-quefazendo ainda mais para, talvez, 15 segundos, da mesma forma, a volaticidade dos relacionamentos, das paixões, das amizades, das uni-ões converge para um grande vazio.

E no espaço da instantaneidade, dos relacionamentos eventuais e ligeiros, a prática e a lógica da sexualidade atual inviabiliza aos velhos os rituais de aproximação e de prazer, como se a sexualidade estivesse organicamente atrelada à juventude e ao corpo sarado, proibida aos não pertencentes ao clube.

A paixão, vista como atributo dos corpos lisos e da carne dura, não encontra mais espaço simbólico nos velhos, pois pertence à semió-tica dos perfumes, das cores berrantes, das roupas provocantes, da pletora dos órgãos, das provocações sexuais. O beijo necessita de lá-bios firmes e ágeis; a volúpia dos corpos não abre espaço para o tem-po da delicadeza.

Essa opressão biopolítica funciona como poder massacrante invisí-vel, reforçado continuamente pelos jovens e pela publicidade a ponto de inibir sinceros sentimentos de aproximação e da corte. E aos velhos não sobra outra performance senão a do desencanto, do incômodo de ainda estar vivo, da sensação de outros ansiarem por seu próximo de-saparecimento ou por sua internação num asilo.

É toda uma sociedade, nos atos e nas insinuações, nas falas e nos si-lêncios, no olhar do outro e nas ironias, que os vão empurrando cada vez mais para a margem, para o fim, para sua própria cova, mesmo que a saúde ainda o mantenha, mesmo que o élan vital ainda flameje

#### MAS HÁ CONTRAEXEMPLOS...

A compositora chilena Violeta Parra<sup>11</sup>, já com quase 50 anos, escreveu a canção *Volver a los 17* para Gilbert Favre, um homem 18 anos mais

<sup>11</sup> “El amor con sus esmeros al viejo lo vuelve niño”. Violeta de La Parra (1917-1967), cantora, compositora, poeta, nascida no Chile.



**A paixão, vista como atributo dos corpos lisos e da carne dura, não encontra mais espaço simbólico nos velhos, pois pertence à semiótica dos perfumes, das cores berrantes, das roupas provocantes, da pletora dos órgãos, das provocações sexuais.**

**12** Edith Piaf (1915-1963)  
cantora francesa.

**13** *O Medo Devora a Alma* (Angst Essen Seele Auf). Direção: Rainer Werner Fassbinder. Elenco: Brigitte Mira, El Hedi ben Salem, Barbara Valentin. Alemanha, 1974. Duração: 93 min. Brasil: Paragon Multimídia.

**14** Hal Ashby (1929-1988), nascido nos EUA, dirigiu o filme: *Ensina-me a viver*. Elenco: Ruth Gordon, Bud Cort, Cyril Cusack. EUA, 1971.

**15** Gaston Gallimard (1881-1975) editor francês e fundador das Edições Gallimard, uma das mais famosas e importantes casas editoriais francesas do século XX.

**16** André Gide (1869-1951)  
escritor francês.

**17** Paul Valéry (1871-1945)  
filósofo, escritor e poeta francês.

**18** Jean Giraudoux (1882-1944)  
escritor e romancista francês.

jovem que ela, por quem se apaixonou perdidamente e que a fez rejuvenescer: o amor com seus esmeros, o velho torna menino [...]. Isso nos lembra também a paixão de Edith Piaf<sup>12</sup> por Theophanis Lamboukas, 20 anos mais jovem que ela, com quem se casou em 1982.

Lembramos ainda dois filmes famosos. Um, de Rainer Werner Fassbinder<sup>13</sup>, *O medo devora a alma* (1974), no qual uma aposentada, cujo único prazer na vida era assistir a televisão, ao ter de entrar num bar para se proteger da chuva, é convidada a dançar pelo jovem marroquino Ali. Eles se apaixonam e se casam. Contudo, amigos, parentes, conhecidos os repudiam, mas eles tentam assim mesmo sobreviver.

O outro filme, *Ensina-me a viver*, de Hal Ashby<sup>14</sup>, 1971, no qual um jovem de 19 anos, Harold, obcecado por morte, apaixonou-se por uma senhora de 79 anos, Maude, amante da vida. Segundo um crítico da época trata-se da mais doce e menos convencional de todas as histórias de amor jamais escrita.

Mais contundente ainda foi a paixão do editor Gastão Gallimard<sup>15</sup>, na Paris do pós-guerra. Um dia, conta-nos Germaine Sorbet, no inverno de 1954, o famoso editor pôs um papel sob sua porta: “Estou muito cansado, deixem-me dormir”, depois do qual ingeriu um tubo de soníferos. Quando descoberto, já estava em coma. Transportado para uma clínica e, depois de sofrer 15 lavagens estomacais, se refez.

No entanto, havia perdido o gosto de viver. Ele explicou seu gesto pelo horror à velhice e ao vazio: Gide<sup>16</sup>, Valéry<sup>17</sup>, Giraudoux<sup>18</sup>, muitos de seus autores estavam mortos e a literatura moderna não o interessava mais. Contudo, para os íntimos, uma tal desesperança tinha um nome: o de sua secretária, que ele amara até a morte.

As paixões dos velhos podem ter a doçura da noite ou não passar de um frenesi senil, diz Sorbet. O amor de Gastão Gallimard consistia-se num crepúsculo wagneriano. Um crepúsculo de vinte anos em que ele veria, ao seu lado, mais do que em sua cama, aquela mulher soberba, soberana e inteligente, mulher de cabeça e de caráter. Mas, na época de seu suicídio, devastado pela paixão, o grande Gallimard era apenas dor.



**As paixões dos velhos podem ter a doçura da noite ou não passar de um frenesi senil, diz Sorbet**



## Há, em cada um de nós, o tempo todo, o jovem e o velho

### A SABEDORIA DO TEMPO

Na canção de Chico Buarque<sup>19</sup> *Todo sentimento*, há o apelo de se pretender descobrir, no último momento, o tempo que refaz o que desfez, que põe no corpo um “outra vez”. É como um personagem que perdeu a amada, mas aspira voltar a encontrá-la no tempo da delicadeza... São precisos anos para que aprendamos a viver, a nos tornar mais humanos. Assim são os homens. Com trinta anos ainda somos meros iniciantes, dizia Nietzsche, meros melancólicos. É só mais tarde que adquirimos a clareza de visão.

O que nos torna velhos ou jovens de cabeça são as ideias retrógradadas, antiquadas, conservadoras ou então abertas, inovadoras, sem preconceitos que possamos ter. Há, em cada um de nós, o tempo todo, o jovem e o velho. Há aqueles adolescentes em cuja fala se apresenta a expressão dura e envelhecida dos pais e dos avós, carregada de preconceitos e de rancores.

Há aqueles velhos que nos passam a elevação, a pureza, a sensibilidade apurada e fina, que raramente encontramos em nossos contemporâneos... Estava errado, portanto, Stendhal<sup>20</sup> ao dizer que a velhice seria a privação da loucura, a ausência de ilusão e de paixão.

Eugène Sue<sup>21</sup> dava um conselho: se és velho, seja enérgico que irão esquecer tua idade. Ou Montaigne, para quem a velhice não é uma questão de idade, mas de cabeça. Affonso Romano de Santana<sup>22</sup> em *O prazer da idade*, indica estar vivendo a glória de seu sexo a dois passos do crepúsculo: “Envelheço, sim”, diz ele, “E (ocultamente) resplandeço”.

Manuel Bandeira<sup>23</sup> fala de sua grande ternura pelas mulheres que foram meninas bonitas e ficaram mulheres feias, que foram desejáveis e deixaram de sê-lo, pelas que o amaram e as que ele não pode amar. Pelas amadas que envelheceram sem maldade (*Minha grande ternura*).

Porém, minha emoção maior ocorreu ao ler o singelo relato de Renata Carvalho, minha ex-aluna, descrevendo o fim da vida de seu avô:

Ainda me lembro a última vez que o vi. Lembro do jeito manso dele sorrindo. A gente andava junto pela horta da minha avó, e ele, com aqueles

**19** Chico Buarque (1944-) músico, compositor e escritor carioca.

**20** Stendhal (1783-1842) escritor francês.

**21** Stendhal (1783-1842) escritor francês.

**22** SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Textamentos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

**23** Manuel Bandeira (1886-1968) poeta e escritor pernambucano.

**Artigo 1**

Saber, aos poucos, se tornar “sem idade”

olhos de sabedoria, com aqueles olhos que já conhecem o mundo há tantas e tantas décadas, despejava com humildade tudo que sabia das ervas ali. Para que servia o chá de erva-cidreira, como espantar inveja com um raminho de arruda. Eu sorria e anotava num caderno as coisas que ele dizia, sempre fascinada por herbologia. Ele me amava e eu o amava de volta, dessa maneira muito especial, que só nós dois sabíamos. Lembro da foto que insisti em tirar, e ele tímido, sem querer posar para mim. Sentou no sofá, com chapéu na cabeça, com uma dignidade de coronel, assim, todo enxuto e empinado, e eu tirei a fotografia mesmo contra a sua vontade.

No dia em que fui embora, ele foi me levar até o ônibus, caminhando com dificuldade. Isso foi há uns dois anos, no sertão da Bahia, naquela terra seca onde ele dorme agora. Mas no dia em que ele se foi, choveu. Choveu no sertão, na manhã desse sábado, porque meu avô morreu. Diz uma antiga tradição italiana que quando chove no dia em que alguém morre, é porque os bons espíritos querem amaciar a terra que receberá aquele corpo: porque merecia, foi alguém bom na vida. E a chuva amaciou a terra dura do sertão para receber o corpo do meu avô, que eu nunca mais vou ver.

Não sei lidar muito bem com isso, não sei lidar com a morte, não sei lidar com a palavra nunca, com toda sua impossibilidade, sua rigidez. Não sei digerir em mim o significado de nunca mais ouvir todas as histórias que ele ainda tinha que me contar; de nunca mais vê-lo sentado em seu sofá, com seu chapéu e seu sorriso magro, no movimento de seu olhar, e não na estaticidade de uma fotografia.

Com ele se foi para sempre toda a sabedoria dos seus anos, todo o conhecimento de uma vida que eu mal posso imaginar. Que talvez perpe-



**Diz uma antiga tradição italiana que quando chove no dia em que alguém morre, é porque os bons espíritos querem amaciar a terra que receberá aquele corpo: porque merecia, foi alguém bom na vida.**

tue-se recôndito nas ervas silenciosas que brotarem sobre seu túmulo,  
e que eu nunca, nunca vou compreender.<sup>24</sup>

*As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis sobre um fundo  
de manchas já da cor da terra.*

*- como são belas as tuas mãos  
pelo quanto lidaram, acariciaram ou freíram da  
nobre cólera dos justos...*

*Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza  
que se chama simplesmente vida.*

*E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços  
da tua cadeira predileta,  
uma luz parece vir de dentro delas...*

*Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente,  
vieste alimentando na terrível solidão do mundo,  
como quem junta uns gravetos e tenta acendê-los  
contra o vento?*

*Ah! Como os fizeste arder, fulgir, com o milagre das  
tuas mãos!*

*E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos  
nodosas...*

*essa chama de vida – que transcende a própria vida  
... e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.*

*(Mário Quintana: As mãos de meu pai)<sup>25</sup> ☺*

**24** CARVALHO, Renata Cruz de. *A vida secreta das plantas*. Disponível em: <A Vida Secreta das Plantas – Renata Cruz e Carvalho - Grupos.com.br>

**25** QUINTANA, Mario. *As mãos de meu pai*. In: QUINTANA, Mario. *Melhores poemas*; seleção Fausto Cunha. São Paulo: Global, 2003,